



TEÓFILO BRAGA

VIRIATO

ROMANCE ÉPICO



VIRIATO

VIRIATO

NARRATIVA EPO-HISTÓRICA

TEÓFILO BRAGA



WWW.LOBOAZUL.NET

INTRODUÇÃO

A Alma portuguesa caracteriza-se pelas manifestações seculares persistentes do tipo antropológico e étnico, que se mantêm desde as incursões dos Celtas e lutas contra a conquista dos Romanos até à resistência diante das invasões da orgia militar napoleónica. São as suas feições:

A *tenacidade* e indomável coragem perante as maiores calamidades, com a fácil adaptação a todos os meios cósmicos, pondo em evidencia o seu génio e ação colonizadora;

Uma profunda *sentimentalidade*, obedecendo aos impulsos que a levam às aventuras heroicas, e à idealização afetiva, em que o Amor é sempre um caso de vida ou de morte;

Capacidade *especulativa* pronta para a aperceção de todas as doutrinas científicas e filosóficas, como o revela Pedro Julião (Hispano), na Idade Média, Francico Sanches, Garcia da Orta, Pedro Nunes e os Gouveias, na Renascença;

Um génio *estético*, sintetizando o ideal moderno da Civilização ocidental, como em Camões, reconhecido por Alexandre de Humboldt como o Homero das línguas vivas.

O cantor das grandes Navegações foi quem teve a mais alta compreensão do génio nacional; a alma Portuguesa achou no seu Poema a encarnação completa. Quando Camões descreve nos Lusíadas, geográfica e historicamente Portugal, referindo-se à tradição da antiga Lusitânia, relembra o vulto que simboliza a sua vitalidade resistente, diante da incorporação romana da península hispânica:

Eis aqui, quase cume da cabeça

Da Europa toda, o reino Lusitano,

Onde a terra se acaba, e o Mar começa,

E onde Febo repousa no Oceano.

Esta é a ditosa Pátria minha amada,

Esta foi Lusitânia.

Desta o PASTOR nasceu, que no seu nome

Se vê que de homem forte os feitos teve;

Cuja fama ninguém virá que dome,

Pois a grande de Roma não se atreve.

(Cant. III, st. XX a XXII.)

Deixo... atrás a fama antiga

Que com a Gente de Rómulo alcançaram,

Quando com VIRIATO na inimiga

Guerra romana tanto se afamaram.

Também deixo a memória, que os obriga

A grande nome, quando a levantaram

Por um seu Capitão, que, peregrino,

Fingiu na Cerva espírito divino.

(Cant. I, st. XXVI.)

No tempo do grande épico ainda se não tinha perdido o conhecimento da relação de continuidade histórica entre Portugal e a antiga Lusitânia, mais vasta e por isso mais violentamente retalhada pela administração imperial romana. Esse conhecimento, embora confundido com as lendas sincréticas

dos falsos Cronicões, influiu na consciência do nosso individualismo étnico e nacional. O esforço de desnacionalização de Portugal pela política da unificação ibérica, veio até refletir-se nos próprios historiadores pátrios, levando-os a considerar Portugal uma formação recente, adventícia, sem individualidade, e a Lusitânia quase como uma ficção banal dos eruditos da Renascença! Mas o caráter persistente do tipo português, a resistência tenaz contra todos os conflitos da natureza e pressões da vida, que tanto o distingue entre os povos modernos, é a prova manifesta da raça lusitana como a descreveram os geógrafos gregos e romanos. Nas lutas pela liberdade territorial a Lusitânia deixou nos historiadores greco-latinos o eco da sua resistência indomável, sobretudo no Ciclo das Guerras viriáticas, que se reacenderam ainda sob o comando de Sertório.

Pela sua genial intuição teve Garrett a compreensão deste caráter resistente e sofrido da nossa raça lusitana: «Os Portugueses são naturalmente sofridos e pacientes: muito arrojada há de ser a corda com que de mãos e pés os atam seus opressores, antes que rompam num só gemido os desgraçados. Um murmúrio, uma queixa... nem talvez no cadafalso a soltarão! Vendem-nos os desleais pegureiros de quem nos deixamos governar; vendem-nos, enxotam-nos para a feira a cajado e a latido e mordedela dos seus mastins; e nós vamos e nem gememos. Se um clamor de queixumes, se uma voz de desconfiança acaso surde, aqui os clamores de rebeldes, os alcunhas de demagogos... e a nação (o rebanho, direi antes) que se resigna e sofre, e continua a caminhar

para o exílio! Tal é, com as diferenças de variados nomes e datas, a história de Portugal quase desde que a revolução ou restauração (restauração seria?) de 1640 fez da nação portuguesa o património de meia dúzia de famílias privilegiadas e dos seus satélites e parasitos.» (*Carta de M. Cévola, 1830.*)

Simbolizamos esta resistência, vivificando o tipo de VIRIATO, reconstruindo poeticamente as situações lacónicas referidas nos historiadores clássicos; representamos artisticamente essa fibra que ainda hoje pulsa em nós, e pela qual, perante a marcha da Civilização se afirma através dos cataclismos políticos a ALMA PORTUGUESA.

Assuetum malo Ligurem, disse Virgílio (Georg., II, 102) dessa poderosa raça, de que o Lusitano foi um dos ramos mais ativos; as terríveis desgraças que nos têm acompanhado desde a romanização da península até à subserviência inglesa, como acostumados ao mal, não nos têm alquebrado: não apagaram a constituição da Nacionalidade, não embaraçaram as iniciativas dos Descobrimentos marítimos; não abafaram a expressão das altas capacidades estéticas. Pela expressão artística se fixou a língua portuguesa, órgão reconhecido da nacionalidade, cujo sentimento se manteve pela idealização poética, em Camões. Seja ainda esse recurso poético o meio de acordar a consciência do passado de um Povo, no qual estão implícitos a sua razão de ser presente, e o ideal do seu destino futuro.

Um dos fins da Arte moderna é a representação da vida dos povos e dos aspetos da natureza dos países longínquos, e também a evocação das idades passadas, vencendo por este exotismo o apagamento das impressões de tudo quanto nos cerca; assim se inicia a fase estética construtiva. Pela evocação da Raça penetra-se o sentir da fibra nacional, e por esta o drama das lutas das Instituições que se fundaram, o vínculo das Tradições, que foram germes e impulsos da missão histórica e das criações artísticas que refletiram a consciência da coletividade.

Teófilo Braga

CAPÍTULO I

No ano de DCIII da era da fundação da Cidade de Roma, sendo Cônsules L. Licínio Luculo e A. Postúmio Albino, acontecimento inopinado suscitou nos espíritos um extraordinário alvoroço: O Senado fora convocado repentinamente, com urgência, sem ser pela fórmula usual de um Edito, mas pela perentória chamada nominal ordenada pelo velho e integérrimo Catão, denominado o Censor.

A gravidade do acontecimento forçara por certo o venerando presidente do Senado a simplificar essa fórmula da convocação? Algum grande crime perturbava ou ameaçava o governo da Republica! A curiosidade era imensa, e antecipadamente sabia-se que a voz austera de Marco Catão, o Censor, se ergueria no Senado contra o patrício o mais opulento dos romanos, que dispunha de riquezas bastantes para corromperem os juízes aos quais se confiasse o seu julgamento.

Galba! era este o nome que soava de boca em boca, mais com inveja do que hostilidade, desde que o Tribuno do Povo Aulo Cribonio o citara para comparecer em justiça pelas depredações e carnificinas que praticara contra as Tribus e cidades tributarias da Lusitânia, que como Província senatorial estava sob a égide da lealdade romana.

Era de um crime contra a majestade do Povo romano, que versava a acusação do Procônsul Servio Sulpício Galba, ao qual fora confiado o governo e administração da Hispânia Ulterior, essa parte ocidental da península em que se compreendia a vasta Lusitânia. Ninguém se atrevia a pôr em dúvida a valentia do tribuno militar, que fora à Hispânia com a missão especial de combater e submeter os Celtiberos; mas, sendo conhecida no mundo a glória do Senado, que, vai para quatro seculos, dirige com um tino incomparável as guerras de incorporação dos povos bárbaros, como poderá consentir que no exercício dessa missão civilizadora lhe infamem a inviolável autoridade?

A voz de Catão ergueu-se no meio de um religioso silêncio com a acuidade de um látego de fogo:

— Como velho octogenário, ninguém compreende como eu o poder dos Costumes dos Antepassados representados hoje no Senado, como um tribunal permanente, de ação executiva, e com consciência das necessidades públicas expostas pela palavra em discussão aberta. É desses Costumes dos Antepassados que deriva a Soberania com que nós todos aqui presentes, dando forma à opinião pública, intervimos no organismo social de Roma. Diante de mim...

Ler mais